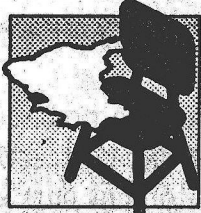


# Rede pública estadual oferece incerteza

■ Alunos não recebem condições básicas para competir no mercado

MÁRCIA TELES

O medo e a incerteza rondam as salas de aula das escolas da rede pública do Estado do Rio de Janeiro. Cientes de suas limitações para enfrentar o mercado de trabalho — uma luta cada vez



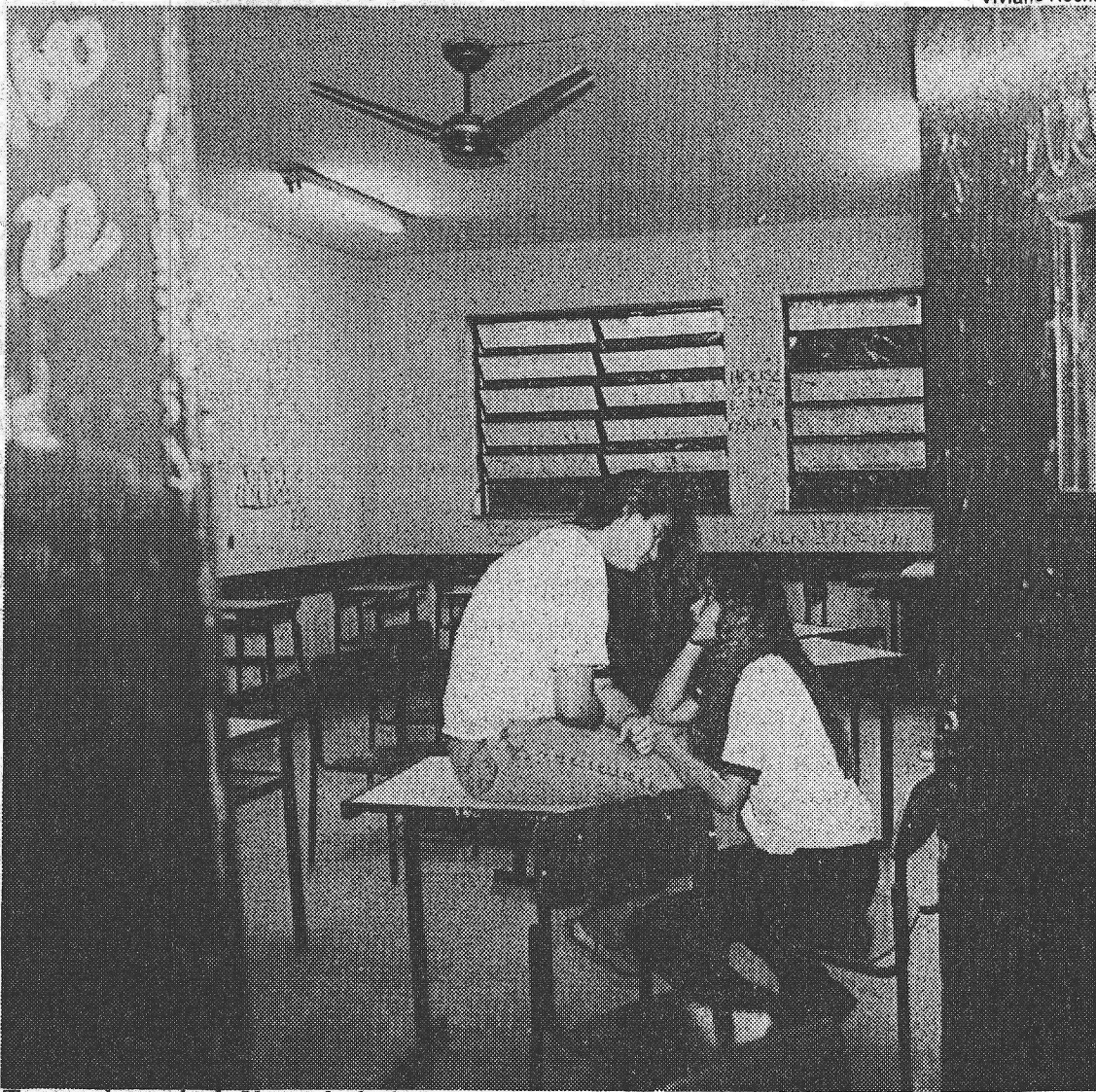
mais desigual —, os estudantes convivem com a falta de professores, laboratórios, bibliotecas e condições básicas de higiene. Os bebedouros estão quebrados, os banheiros são desprovidos até de vasos sanitários e, quando por sorte a água chega, a descarga não funciona. Sem opção, alguns se conformam com a sorte. Outros tentam driblar a falta de dinheiro fazendo cursos complementares em repartições públicas.

É o caso de Simone Bezerra de Melo, 18 anos, que há dois anos foi buscar no mercado de trabalho o que não encontrou no Colégio Estadual Central do Brasil, no Méier. Cursando a última série do curso técnico de secretariado, ela não teve nos três anos em que passou na escola nenhuma aula prática de datilografia ou de computador, noções indispensáveis à sua profissão. “Do curso o aluno só leva o professor, o quadro e o giz”, critica a professora da turma Deise Teixeira.

Há dois anos, Simone faz estágios — ela já passou pela Secretaria de Saúde e hoje está na Companhia Brasileira de Trens Urbanos. Dos 27 alunos do curso, apenas dois estão no mercado de trabalho. Sem ter condições de comprar livro — Simone mora em Del Castilho com a tia que vive com R\$ 400 por mês —, a estudante se ressentida da falta da biblioteca, desativada há mais de cinco anos por falta de espaço. “Os alunos das escolas particulares têm mais preparo. Fica difícil concorrer”, lamenta Simone, criticando ainda a ausência de algumas disciplinas no curso, como o espanhol.

A experiência de Lucimar Nascimento de Andrade, 25 anos, também não é diferente. Estudante da 3ª série do curso de contabilidade da escola, ela nunca teve aula de matemática, apesar da disciplina constar no programa do curso. “O professor de estatística quebra um galho de vez em quando”, lamenta a estudante, que há pouco tempo conseguiu uma vaga de auxiliar de escritório em uma empresa de engenharia de concreto.

Os estudantes do Colégio Visconde de Cairu, no Méier, também não conseguem vislumbrar um futuro melhor do que o de seus colegas. Apesar das condições precárias e da baixa qualidade de ensino, o colégio ainda sustenta a fama de ser um dos melhores do estado na Zona Norte, com ensino profissionalizante do 2º grau. Fábio Simas, 17 anos, que está concluindo o curso de Formação Geral, está sentindo na pele o que para muitos ainda não passa de um temor: a dificuldade das provas dos vestibulares. Aspirante à carreira de jornalismo, Fábio diz ter se garantido no português, mas na prova de física não sabia o que fazer. “Eu nunca tinha ouvido falar em som e onda”, disse, se referindo às questões da prova. Dos 23 alunos da 2ª série do turno da tarde, apenas dois conseguiram passar direto, apesar da média mínima exigida ser 5.



Viviane Rocha

*Turmas da escola de Visconde de Cairu, no Méier, não têm professor de matemática e química*



*Fábio, Vitor e Elisângela, do Visconde de Cairu, e Lucimar e Ricardo, do Colégio Estadual Central do Brasil, estão concluindo o 2º grau sem terem cursado todas as disciplinas do currículo*

